Apresentação

Carlos Emanuel Sautchuk e Guilherme Sá
Universidade de Brasília

A realização deste dossiê especial do *Anuário Antropológico* busca retratar e impulsionar uma faceta cada vez mais vigorosa da antropologia contemporânea, voltada à geração de evidências etnográficas e à produção de novas abordagens conceituais acerca das relações entre humanos e animais. Procuramos oferecer uma amostra do que tem sido produzido no Brasil a este respeito, num cenário de pesquisas e discussões em ritmo crescente. Ademais, quisemos proporcionar aqui mais uma arena de diálogo com pesquisadores estrangeiros, sobretudo aqueles que jamais publicaram no país, associando-os a outros pesquisadores, como Philippe Erikson, que já transita em nossas discussões etnológicas há algum tempo.

Sem pretender uma cobertura exaustiva do tema (o que, devido ao estado da arte dos estudos das relações interespecíficas, exigiria um volume bem mais extenso), os textos aqui reunidos apontam para um conjunto significativo de vertentes dos estudos contemporâneos sobre a relação entre humanos e animais na antropologia. Buscou-se reunir diferentes gerações de pesquisadores, com enfoques teóricos e empíricos diversos, passando pela etnologia ameríndia, a ciência, as questões ambientais, os animais domésticos urbanos, retornando também às problematizações acerca da noção de domesticação, fundamental e não menos controversa, neste domínio.

Abre o número Philippe Erikson, um dos pioneiros na sistematização de dados e abordagens em torno do estatuto do animal na Amazônia, que delineou com clareza as questões maiores do significado da morte da presa e da distinção que se deve estabelecer entre o *apprivoisement* (familiarização) e a domesticação propriamente dita. Ele retorna aqui à sua etnografia, nos oferecendo um rico e detalhado panorama da presença de animais de companhia no espaço doméstico dos Matis.

Seguindo o rastro dos coletivos ameríndios, Uirá Garcia, etnólogo dedicado ao estudo da caça entre os Awá-Guajá, disserta sobre uma das questões fundamentais da relação entre humanos e animais na atividade cinegética, a

saber, o risco que o animal representa para o caçador, em função justamente da permeabilidade das fronteiras ontológicas entre ambos e do papel desestabilizador que a caça joga nisso.

A forma de se lidar com o risco da desumanização inerente à caça é também o ponto de Rane Willerslev, antropólogo dinamarquês com uma das mais criativas e valiosas contribuições ao estudo das relações entre caçadores e presas na atualidade. Tal conexão entre áreas etnográficas não é fortuita, visto que um dos principais eixos de elaboração de questões mais gerais sobre caçadores na atualidade tem sido traçado entre a Amazônia e a Sibéria, baseado, evidentemente, não na suposta generalidade de aspectos biofísicos, como se quis outrora, mas sim em constatações etnográficas similares a respeito do estatuto dos animais e das relações de predação, na perspectiva destes grupos.

Há um traço marcante nesse movimento, que é a necessidade de dar conta, de uma forma ou de outra, da subjetivação dos animais, que a manifestação dos caçadores parece apontar de forma inequívoca. Mas isto não é uma exclusividade da etnologia de povos indígenas, como nos mostra Guilherme Sá ao analisar o relato de primatólogos sobre suas relações com primatas não humanos no âmbito de suas pesquisas de campo. As relações intersubjetivas são tomadas como aspecto inseparável da atividade científica, fundamentada que é na relação entre sujeitos de diferentes espécies.

A relação entre ciência e subjetivação aponta igualmente para outro tipo de situação, que é a multiplicidade de sentidos que uma mesma espécie assume entre atores diferentes. É o que transparece no caso dos projetos de conservação da onça-pintada no Pantanal que, como mostra Felipe Sussekind a partir de detalhada exposição de situações de campo, enceta agentes e perspectivas distintas, como as de biólogos, vaqueiros e pecuaristas, que se associam parcialmente na prática de interações com a espécie selvagem.

Dois dos aspectos evocados por Sussekind, como a tensão entre as disposições de eliminação e de conservação e o caráter contingente da empresa científica, são justamente tema de discussão para Strivay e Mougenot, que tratam do manejo do coelho europeu ao redor do mundo. Adotando uma visada histórica, as autoras desfiam vertiginosa miríade de ações para eliminar, conservar ou reintroduzir os coelhos em diferentes lugares, com o uso de conhecimentos locais e científicos, a exemplo do desenvolvimento de agentes de controle biológico. Elas evidenciam não apenas como atores e propósitos contrapostos devem ser considerados (mesmo entre cientistas), mas também o caráter surpreendentemente imprevisível e incontrolável das consequências advindas destas ações.

Voltando sua análise aos eventos conhecidos como a crise da vaca louca e ao

recente *pet recall* nos EUA, Lewgoy e Sordi demonstram como tais controvérsias científicas acerca da vida dos animais estão de par com deslocamentos importantes nas concepções a respeito do que sejam os animais, em especial os chamados animais de corte e de estimação. Os autores focam suas atenções nos efeitos de objetificação dos primeiros e de hipersubjetivação dos últimos, que passam a ser tratados à semelhança dos humanos em vários aspectos, como atesta o florescimento de um peculiar mercado de produtos alimentícios.

Em linha semelhante, mas a partir de pesquisa de campo em *pet shops*, Jean Segata apresenta com riqueza de detalhes os procedimentos veterinários e as aflições pessoais envolvidas na medicalização de animais de estimação. Trata-se, em especial, de ações de subjetivação que assumem um caráter muito particular, expondo as múltiplas formas de homologia entre humanos e animais, inclusive através de suas dimensões biofarmacológicas.

Finalizando a série de artigos, Jean-Pierre Digard, possivelmente o antropólogo que mais se dedicou ao tema da domesticação animal, argumenta aqui em defesa da valorização da biodiversidade de animais domésticos, delineando um quadro de situações em que os humanos contribuíram para a geração e a conservação de espécies animais. Através desta chave, ele busca inverter a propalada relação negativa entre humanidade e biodiversidade animal, ao menos para uma parte considerável das interações entre humanos e animais.

Encerra esse conjunto de contribuições o ensaio bibliográfico de Sautchuk e Stoeckli, sobre a noção de domesticação e a relação entre humanos e animais na obra do antropólogo Tim Ingold. As variações internas à obra de Ingold em torno deste mesmo conceito podem ser lidas como uma demonstração da diversidade das reflexões que a questão da relação entre humanos e animais tem suscitado na antropologia. Por outro lado, algo que ressalta em Ingold e que perpassa em alguma medida os trabalhos aqui reunidos e, quiçá, esse campo de estudos é o fato de que o enfoque nas relações com os animais parece levar à revisão do humano e, não raro, da própria abordagem antropológica.